

# Capoeira: Evolução e Perspectivas

Capitão-Tenente (FN) LAMARTINE P. DA COSTA  
da Comissão Desportiva das Forças Armadas.

Temos assistido com satisfação, nos últimos anos ao ressurgimento da Capoeira.

A capoeira nasceu e evoluiu dentro dos mesmos princípios e características das formas de lutas tradicionais de outras nações. Surgiu da necessidade de ataque e defesa; a movimentação e a sistematização dirigiram-se no sentido das características físicas e psicológicas dos praticantes; e os criminosos profissionais adotaram-na, aperfeiçoando-a.

Há controvérsias quanto ao aparecimento da luta. Alguns sustentam que ela veio da África. Acharmos, contudo, que os negros aproveitaram os passos e a movimentação de uma dança angolana — possivelmente a "cafunha", ainda hoje existente — e dela improvisaram sua "arma".

Além dessas cogitações os únicos indícios são o nome "capoeira" — negro fugido que vivia nos capões, sem armas, mas que enfrentava os capitães-do-mato com braços e pernas — e os registros históricos da Guerra dos Palmares onde apareceu "Capoeiras" de notável coragem, inclusive o próprio ZUMBI, fundador da república.

No mais, a agilidade, o ritmo, a velocidade, a malícia do negro e do mestiço encarregaram-se da sistematização. No Império a capoeira era o criminoso, o capanga, o feitor, etc. Tal qual o samurai japonês, era empregado em larga escala pelo político e pelo latifundiário.

Deodoro da Fonseca interrompeu esse processo evolutivo. Considerou-a fora da lei e passou a perseguir os capoeiras, orientação firmada pelos governos seguintes.

Não houve discernimento bastante para que se tentasse institucionalizar a então "ginástica nacional". Falhou, portanto, a ocorrência de fenômeno semelhante ao de Jigoro Kano e a criação da Kodokan japonesa.

Contudo, a benéfica assimilação da luta pelo folclore baiano, em que pese implicações musicais e coreográficas, tão a gosto do negro de Angola e Moçambique, trouxe até nós, seus princípios e movimentos básicos. No Recife dela só restou o frevo.

No Rio alguns elementos isolados, como ZUMA e SINHOZINHO, mantiveram, com dificuldades, e sofrendo influências de lutas estrangeiras, a tão necessária tradição, para uso dos estudiosos do assunto.

Se nos propuzermos a estabelecer as perspectivas da capoeira, teremos de começar pela influência das

massas pelo combate desportivo, dificuldades de regulamentação e unidade de doutrina.

Não há dúvida que o esporte espetáculo é o susceptível de maior desenvolvimento.

Dentre as lutas, as mais conhecidas são as que dão ao praticante a oportunidade constante de cotejo. O objetivo final e principal do treinamento é a contenda. Assim as listas de "ranking" e as faixas coloridas constituem um meio prático de incrementar um desporto lutatório. Se conseguirmos um espetáculo-contenda, teremos o máximo que uma divulgação requer. O boxe é um ótimo exemplo para esse binômio.

A capoeira é vantajosa como espetáculo mas até hoje não tem seu combate regulamentado satisfatoriamente. Na Bahia os mestres fazem o julgamento a olho. ZUMA (Anibal Burlamaqui) preconizava um círculo onde se procurava expulsar o adversário. Sabemos das dificuldades de treinamento e combate das lutas de distância com golpeação. Quando são movimentadas, como o KARATÊ e o SAVATI, da mesma família da capoeira, não se podem utilizar artefatos protetores.

Assim a nossa luta carece de um estudo para regulamentá-la, visando o combate desportivo, passo essencial para desenvolvê-la.

Quanto à unidade de doutrina esbarramos nas inúmeras "escolas": na Bahia ela é rasteira, usa bastante o apoio das mãos; no Rio, pelos que seguem o falecido SINHOZINHO, ela é jogada em pé, parecendo com o SAVATI francês. Os mestres baianos ainda têm suas próprias capoeiras. Um deles misturou a luta com golpes do antigo jiu-jitsu e deu-lhe o nome de capoeira regional...

Urge criarmos uma escola única de capoeira, dar-lhe bases pedagógicas e regulamentá-la para que de fato ela se transforme numa arte nacional de ataque e defesa.

Julgamos que para atingir esses objetivos o melhor caminho seria oficializar a capoeira; aceitá-la nas escolas de educação física militares e civis; criar cadeiras especializadas ou incluí-las nas existentes.

Acreditamos que isto acontecerá, inevitavelmente, em virtude da pressão de um interesse crescente.

Um povo, personalizando-se, necessita de reafirmação, de manifestações típicas de nacionalidade.

A capoeira, em seu setor, confirmará esse fenômeno.

